

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Pure*

Autora: *Julianna Baggott*

Copyright © Julianna Baggott, 2012

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Fátima Andrade*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, julho, 2014

Depósito legal n.º 376 855/14

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para Phoebe, que fez um pássaro de arame*

## ÍNDICE

PRÓLOGO.....	11
Pressia – Armários .....	13
Partridge – Múmias .....	21
Pressia – Sucata .....	32
Partridge – Caixa de Metal .....	42
Pressia – Reunião .....	46
Partridge – Temporizador.....	58
Lyda – Queque .....	63
Partridge – Faca .....	66
Pressia – Presentes .....	70
Partridge – 3 Minutos e 42 Segundos .....	75
Pressia – Truz.....	82
Partridge – Casco .....	90
Lyda – Reabilitação .....	94
Pressia – Sapato.....	99
Partridge – Crânio .....	104
Pressia – Olhos Cinzentos .....	106
Pressia – Vento.....	116
El Capitan – Armas.....	134
Partridge – Canto.....	142
Pressia – Sarcófago .....	149
Partridge – Boca .....	157
Lyda – Tiras .....	161
Pressia – Lixívia .....	166
Partridge – História-Sombra .....	172

Pressia – Jogo.....	181
Partridge – Gaiola.....	194
Lyda – Dedos .....	198
Partridge – Dardos.....	201
Pressia – Árabes .....	213
Pressia – Ostras .....	220
El Capitan – Boné.....	231
Partridge – Mães .....	238
Pressia – Raio.....	242
El Capitan – Frigorífico .....	246
Partridge – Vinte .....	249
Pressia – Terra.....	251
Pressia – Sacrifício.....	257
Pressia – Conto de Fadas .....	266
Pressia – Chip.....	275
Pressia – Leste.....	281
Pressia – Pistões .....	286
Lyda – Caixinha Azul.....	290
Partridge – Cordelinhos .....	298
Lyda – Abre-te .....	302
Partridge – Pequenas Caixas Torácicas .....	305
Lyda – Coisa.....	310
Pressia – Luz .....	314
Pressia – Enxame .....	318
Partridge – Impulsos.....	321
Pressia – Túnel.....	326
Partridge – Subsolo.....	330
Pressia – Nuvens.....	332
Pressia – Tatuagens .....	337
Partridge – Cygnus .....	344
El Capitan – Superfície .....	349
Partridge – Beijo.....	354
Pressia – Sangue.....	357
Partridge – Pacto .....	363
Pressia – Barcos.....	369
EPÍLOGO .....	383
AGRADECIMENTOS .....	386
SOBRE A AUTORA .....	389

## PRÓLOGO

*Ouviu-se um zumbido baixo, mais ou menos uma semana depois das Detonações; era difícil manter a noção do tempo. Os céus vergavam-se ao peso de escuros bancos de nuvens enegrecidas, o ar estava prenhe de cinzas e poeira. Nunca chegámos a saber se era um avião ou algum tipo de dirigível, por o céu estar tão encoberto. Mas talvez eu tenha visto uma barriga de metal, o brilho opaco de um casco a mergulhar por um momento, desaparecendo em seguida. Também ainda não se via a Cúpula. Agora cintila no alto da colina, mas então era apenas um brilho escuro ao longe. Parecia pairar sobre a terra, como uma orbe, um pompom iluminado, despegado.*

*O zumbido indicava alguma missão aérea, pelo que nos perguntámos se haveria mais bombas. Mas para que serviriam? Tudo se fora, obliterado ou varrido pelos fogos. A chuva radioativa acumulava-se em poças negras. Quem bebia dessa água morria. As nossas cicatrizes eram recentes, as feridas e mazelas estavam em carne viva. Os sobreviventes arrastavam-se, coxeavam numa procissão de morte, na esperança de encontrar um lugar que tivesse sido poupado. Até que desistimos. Estávamos exaustos. Não procurámos refúgio. Talvez alguns esperassem que se tratasse de uma missão de salvamento. Talvez eu o esperasse também.*

*Aqueles que ainda conseguiam içar-se dos escombros assim fizeram. Eu não conseguia: a minha perna direita estava cortada à altura do joelho, a minha mão, cheia de bolhas por causa do tubo que me servia de bengala. Tu, Pressia, só tinhas sete anos, eras pequena para a idade, e ainda tinhas dores devido à ferida aberta no teu pulso, queimaduras a cintilar-te no rosto. Mas eras rápida. Trepaste a um monte de escombros para chegares mais perto do som, atraída por ele porque era imperioso e vinha do céu.*

*Foi então que o ar tomou forma, ondulou, vibrou de movimento, o céu encheu-se de singulares asas incorpóreas.*

*Tiras de papel.*

*Pairaram até ao chão e foram pousar à tua volta, como gigantescos flocos de neve. Pareciam fitas cortadas por crianças para colar às janelas das salas de aula, mas já estavam manchadas pelo ar, as cinzas e o vento.*

*Pegaste num desses papéis, bem como todos os outros que puderam fazê-lo, e esperaste que fossem todos embora. Entregaste-me o papel e eu li-o em voz alta.*

Sabemos que estais aqui, nossos irmãos e irmãs.

Um dia sairemos da Cúpula para nos reunirmos a vós em paz.

Por agora, assistiremos de longe, com benevolência.

Como Deus, *sussurrei*. Vigiam-nos com o olhar benevolente de Deus. *Não era o único com essa opinião. Alguns ficaram impressionados. Outros enfureceram-se. Ainda estávamos todos aturdidos, desorientados. Iriam convidar alguns de nós a transpor os portões da Cúpula? Iriam recusar-nos?*

*Passaram-se anos. Eles esqueceram-nos.*

*A princípio, as tiras de papel transformaram-se em algo precioso, uma forma de moeda. Contudo, isso não durou. O sofrimento era demasiado grande.*

*Quando acabei de ler, dobrei a tira de papel e disse: «Eu guardo isto para ti, está bem?»*

*Não sei se me entendeste. Continuaste distante e muda, o teu rosto inexpressivo e de olhos arregalados como o da tua boneca. Em vez de acenares com a tua própria cabeça, acenaste com a dela, que passaria a fazer parte de ti para sempre. Quando os olhos dela piscavam, piscavas também os teus.*

*E assim continuou por muito tempo.*

# PRESSIA

## ARMÁRIOS

Pressia jaz no armário. É ali que dormirá a partir do momento em que completar dezasseis anos, daí a duas semanas — com a pressão do contraplacado enegrecido a beliscar-lhe os ombros, o ar abafado, as partículas suspensas de cinza. Tem de ser boa para sobreviver àquilo: boa, silenciosa e, à noite, quando a OSR patrulha as ruas, permanecer escondida.

Empurra a porta com o cotovelo e vê o avô, instalado na sua cadeira, ao lado da porta que dá para o beco. A ventoinha alojada na garganta dele zumba baixinho, as pequenas lâminas de plástico giram para um lado quando ele inspira e para o outro quando expira. Pressia está tão habituada à ventoinha que passa meses sem dar por ela, mas, de vez em quando, há um momento como aquele, em que se sente desligada da sua vida e tudo a surpreende.

— Então, achas que consegues dormir aí dentro? — pergunta ele.  
— Gostas?

Ela detesta o armário, mas não quer ferir os sentimentos dele.

— Sinto-me como um pente numa caixa — replica. Os dois vivem na arrecadação das traseiras de uma barbearia queimada. É um compartimento pequeno, com uma mesa, duas cadeiras, dois velhos catres, um onde o avô dorme e outro que era a antiga cama dela, e uma gaiola feita à mão, suspensa de um gancho no teto. Entram e saem pela porta das traseiras da arrecadação, que dá para um beco. No Antes, aquele armário continha material da barbearia: caixas de pentes pretos, garrafas de *Barbasol* azul, latas de creme para barbear, toalhas cuidadosamente dobradas, penteadores brancos que prendiam no pescoço. Ela tem a certeza de que vai sonhar que é *Barbasol* azul preso numa garrafa.

O avô começa a tossir, a ventoinha gira loucamente. O rosto dele afogueia-se num tom de rubi arroxeadado. Pressia sai do armário, aproxima-se rapidamente dele e bate-lhe nas costas, esmurra-lhe as costelas. Foi por causa da tosse que as pessoas deixaram de recorrer aos seus serviços; no Antes, ele era agente funerário e depois tornara-se conhecido como alfaiate de carne, aplicando aos vivos as aptidões adquiridas com os mortos. Ela ajudava-o a limpar as feridas com álcool, a alinhar os instrumentos, às vezes a segurar uma criança que se debatia. Mas agora as pessoas pensam que ele está infetado.

— Sente-se bem? — pergunta Pressia.

Ele recupera lentamente o fôlego. Acena com a cabeça:

— Estou ótimo.

Apanha o seu tijolo do chão e descansa-o no coto da perna, imediatamente acima do emaranhado de fios calcinados. O tijolo é a sua única proteção contra a OSR.

— Esse armário para dormir é o melhor que temos — diz o avô. — Só precisas de lhe dar tempo.

Pressia sabe que devia mostrar-se mais grata. Ele construiu o esconderijo há alguns meses. Os armários estendem-se ao longo de toda a parede do fundo, que partilham com a barbearia propriamente dita. A maior parte do que resta do estabelecimento arruinado está exposta ao céu, pois um grande pedaço do telhado foi arrancado pela explosão. O avô despojou os armários de todas as prateleiras e gavetas. Montou um fundo falso que funciona como um alçapão, dando passagem para a barbearia propriamente dita, um painel que ela pode abrir se precisar de fugir. Mas, depois, para onde iria? O avô mostrou-lhe uma velha conduta de irrigação, onde ela poderá esconder-se enquanto a OSR esquadrinha a arrecadação, encontra o armário vazio e o avô afirma que ela está desaparecida há semanas, provavelmente para sempre, talvez já morta. O velho tenta convencer-se de que a OSR acreditará nele, os deixará em paz e Pressia poderá regressar. Mas claro que ambos sabem que isso é muito improvável.

Ela conhece alguns jovens que fugiram: um rapaz a quem faltava o maxilar, depois um rapaz e uma rapariga que disseram que iam casar longe dali, e ainda um rapaz chamado Gorse e a sua irmã mais nova, Fandra, que era uma boa amiga de Pressia antes de terem partido, há alguns anos. Fala-se de uma organização clandestina que tira jovens da cidade, levando-os para lá das Terras Derretidas e das Terras Mortas, para onde pode haver outros sobreviventes, talvez mesmo civilizações

inteiras. Quem sabe? Mas tudo isso não passa de rumores, de mentiras bem-intencionadas, que pretendem proporcionar conforto. Todos esses jovens desapareceram. Nunca mais foram vistos.

— Acho que vou ter tempo para me habituar, todo o tempo do mundo, a começar daqui a duas semanas — responde ela. Quando completar dezasseis anos, ficará confinada à arrecadação e dormirá no armário. O avô fê-la prometer, uma e outra vez, que não se afastará. *Será demasiado perigoso saíres*, diz-lhe ele. *O meu coração não aguenta.*

Ambos conhecem os rumores acerca do que acontece a quem não se apresenta no quartel-general da OSR no décimo sexto aniversário. Eles vêm e levam as pessoas enquanto estas estão a dormir nas suas camas. Levam-nas se caminharem sozinhas pelos campos cobertos de destroços. Levam-nas, independentemente de quanto elas paguem, e a quem. Não que o avô de Pressia tenha meios para pagar seja o que for, seja a quem for.

Quem não se entrega, é levado à força. Isso não é apenas um rumor. É a verdade. Murmura-se que os jovens são levados para as terras exteriores, onde os obrigam a desaprender a ler — isso para os que tinham aprendido de todo, como aconteceu com Pressia. O avô ensinou-lhe as letras e mostrou-lhe a Mensagem: *Sabemos que estais aqui, nossos irmãos e irmãs ...* (Já ninguém fala da Mensagem. O avô escondeu-a algures.) Murmura-se também que, em seguida, são ensinados a matar utilizando alvos vivos. E murmura-se que, ou se aprende a matar ou, se alguém tiver ficado demasiado deformado pelas Detonações, se é utilizado como alvo vivo, o que é o fim.

O que acontece aos jovens da Cúpula quando completam dezasseis anos? Pressia calcula que é como no Antes: bolo, presentes embrulhados em papéis garridos e animais de peluche recheados de doces, pendurados para serem batidos com paus.

— Posso dar um pulo ao mercado? Estamos quase sem raízes. — Pressia tem jeito para cozer certos tipos de raízes; geralmente, é disso que se alimentam. E apetece-lhe estar ao ar livre.

O avô olha para ela com ansiedade.

— O meu nome ainda nem sequer consta da lista afixada — diz ela. A lista oficial de quem tem de se entregar à OSR é afixada por toda a cidade: nomes e datas de nascimento, muito bem alinhados em duas colunas, as informações recolhidas pela OSR. O grupo surgiu pouco depois das Detonações; nessa altura chamava-se Operação Salvamento e Resgate, organizava centros médicos, fazia listas dos

mortos e dos sobreviventes, e, depois, formou uma pequena milícia para manter a ordem. Mas esses líderes foram derrubados. OSR transformou-se em Operação Sagrada Revolução, os novos líderes impõem-se pelo medo e têm por objetivo derrubar a Cúpula um dia.

Agora, a OSR exige que todos os recém-nascidos sejam registrados, caso contrário os pais são punidos. A OSR também faz buscas aleatórias em casas. As pessoas mudam-se com tanta frequência que nunca foi possível manter um registo atualizado das habitações. Seja como for, também já não há nada que se assemelhe a endereços: o que resta está virado de pernas para o ar, desaparecido, os nomes das ruas, apagados. Enquanto o seu nome não constar da lista, nada daquilo parece verdadeiramente real a Pressia. Espera que o seu nome nunca lá apareça. Talvez eles tenham esquecido a sua existência, tenham perdido uma pilha de documentos e os dela estivessem lá.

— Além disso — argumenta ela —, precisamos de nos abastecer.

Tem de adquirir tanta comida quanto possível para ambos, antes de o avô passar a encarregar-se das idas ao mercado. Ela é melhor a regatear, sempre foi, e preocupa-se com o que acontecerá quando ele assumir essas funções.

— Pronto, está bem — acede ele. — O Kepperness ainda está a dever-nos aquela costura que eu fiz no pescoço do filho.

— Kepperness — repete ela. Kepperness já pagou há algum tempo. Por vezes, o avô só se lembra do que quer. Pressia dirige-se para o parapeito da janela rachada, onde repousa uma fileira de pequenas criaturas que ela construiu com bocados de metal, moedas antigas, botões, dobradiças, engrenagens que vai recolhendo. Pequenos brinquedos de corda: pintainhos que saltam, lagartixas que correm, uma tartaruga com bico que abre e fecha. O seu favorito é a borboleta. Fez meia dúzia delas. Os sistemas esqueléticos são construídos com dentes de velhos pentes pretos da barbearia e as asas feitas de pedacinhos de penteadores brancos. As borboletas batem as asas quando se lhes dá corda, mas nunca conseguiu fazer uma capaz de voar.

Pressia pega numa das borboletas, dá-lhe corda. As asas estremecem, levantando flocos de cinza que rodopiam. Um remoinho de cinzas não é mau de todo. Na verdade até pode ser bonito, aquele remoinho luminoso. Pressia não quer ver beleza nele, mas não consegue evitá-lo. Encontra pequenos momentos de beleza em toda a parte, até mesmo na fealdade. O peso das nuvens drapeados por todo o céu, às vezes orladas de azul-escuro. Ainda há orvalho que brota do chão e forma pérolas sobre pedaços de vidro enegrecido.

O avô está a olhar para fora pela porta do beco, pelo que ela enfia a borboleta no saco. Tem utilizado os seus brinquedos de corda como moeda de troca desde que as pessoas deixaram de recorrer a ele para as coser.

— Sabes, é uma sorte termos este abrigo, e agora também uma via de fuga — diz o avô. — Tivemos sorte desde o início. Sorte por eu ter chegado cedo ao aeroporto para vos ir buscar, a ti e à tua mãe, à zona de recolha de bagagens. Se não tivesse ouvido dizer que havia trânsito? Se não tivesse saído cedo? E a tua mãe, *ela era tão bonita* — acrescenta ele —, *tão jovem*.

— Eu sei, eu sei — diz Pressia, tentando não se mostrar impaciente, mas é um discurso já muito batido. Ele refere-se ao dia das Detonações, há pouco mais de nove anos, tinha ela seis anos de idade. O seu pai estava fora, em viagem de negócios. Era contabilista, de cabelo claro, e tinha as pontas dos pés metidas para dentro, como o avô gostava de dizer, mas era um bom *quarterback*. Futebol<sup>1</sup> era um desporto jogado num campo relvado, com capacetes afivelados e árbitros que sopravam apitos e atiravam com lenços coloridos.

— Mas que importa que o meu pai fosse um *quarterback* com as pontas dos pés metidas para dentro, se eu não me lembro dele? De que vale uma bonita mãe, quando não se consegue ver o rosto dela na nossa cabeça?

— Não digas isso — atalha o avô. — Claro que te lembras deles!

Ela não consegue distinguir entre as histórias que o avô lhe conta e a sua própria memória. A zona de recolha de bagagem, por exemplo. O avô explicou-lhe várias vezes: malas com rodinhas, uma grande passadeira rolante, seguranças a circular como cães-pastores bem treinados. Mas será uma recordação? A sua mãe fora atingida em cheio por uma janela de vidro reforçado e morrera instantaneamente, contou-lhe o avô. Pressia terá alguma vez recordado esse momento ou tê-lo-á apenas imaginado? A sua mãe era japonesa, o que explica o seu cabelo preto e brilhante, os seus olhos amendoados e a sua pele de uma tonalidade uniforme, tirando o rosa reluzente da queimadura em forma de crescente que se arqueia em torno do seu olho esquerdo. A poeira de sardas que a salpicam devem-se ao lado paterno da família. Escocês-irlandês, é como o avô se define a si próprio, mas nenhuma dessas coisas tem grande significado para ela.

---

<sup>1</sup> O texto refere-se a futebol americano. (NT)

Japoneses, escoceses, irlandeses? A cidade onde o seu pai se tinha deslocado em negócios — o resto do mundo, tanto quanto se sabe — foi dizimada, desapareceu. Japoneses, escoceses, irlandeses... essas coisas já não existem.

— BWI — diz o avô enfaticamente — era o nome do aeroporto. E nós conseguimos escapar, seguindo os outros que ainda estavam vivos. Fomos caminhando aos tropeções, em busca de um local seguro. Parámos nesta cidade, que mal se aguentava em pé, mas ainda cá está porque não fica muito longe da Cúpula. Vivemos um pouco para ocidente de Baltimore, a norte de Washington DC.

Mais uma vez, essas coisas nada significam. BWI, DC, são apenas letras.

Os seus pais são impossíveis de conhecer, é isso que mata Pressia, e se eles são impossíveis de conhecer, como pode conhecer-se a si própria? Por vezes sente-se como se estivesse desligada do mundo, como se flutuasse, um pequeno floco luminoso de cinza rodopiante.

— O Rato Mickey — diz o avô. — Não te lembras dele? — Ao que parece, é isso que o afeta mais, o facto de ela não se lembrar do Rato Mickey, da viagem à Disneylândia da qual estavam a regressar. — Tinha orelhas muito grandes e usava luvas brancas?

Pressia dirige-se para a gaiola de *Freedle*. É feita de velhos raios de rodas de bicicleta e de uma fina folha de metal que serve de chão, e tem uma pequena porta de metal que desliza para cima e para baixo. Lá dentro, em cima de um poleiro, perfila-se *Freedle*, uma cigarra com asas metálicas. A rapariga mete o dedo entre as barras delgadas e afaga as asas de filigrana. Tanto quanto se lembra, têm a cigarra desde sempre. Embora velhas e enferrujadas, por vezes as asas ainda palpitam. É o único animal de estimação de Pressia. Chamou-lhe *Freedle* em pequena, porque, quando a deixavam esvoaçar pela sala, a cigarra emitia um apelo que soava como se estivesse a dizer: «*Freedle! Freedle!*». Pressia manteve todos os componentes do bicho mecânico a trabalhar ao longo dos anos, usando o óleo de que os barbeiros se serviam outrora para manter as tesouras bem lubrificadas.

— Lembro-me da *Freedle* — diz ela. — Mas não de um rato desmesuradamente grande com um fraquinho por luvas brancas. — Jura a si própria que um dia mentirá ao avô acerca daquilo, quanto mais não seja para arrumar de vez o assunto.

Que recorda ela das Detonações? A luz intensa, como de um sol sobre um sol sobre um sol. E lembra-se de estar a segurar na boneca. Não seria demasiado crescida para andar com uma boneca?

A cabeça da boneca encaixava num corpo de pano bege, com braços e pernas de borracha. As Detonações haviam produzido um clarão arrasador no aeroporto, uma luz que inundara toda a sua visão antes de o mundo explodir e, nalguns casos, de se fundir. Houvera a mistura de vidas e a cabeça da boneca transformara-se na sua mão. E agora, claro, Pressia conhece a cabeça da boneca, porque faz parte de si — os olhos que piscam com um estalido quando ela se mexe, os fios de plástico preto e aguçado das pestanas, o buraco nos lábios de plástico, onde o biberão, também de plástico, devia encaixar, a cabeça de borracha no lugar do seu punho.

Passa a mão sã sobre a cabeça da boneca. Sente a ondulação dos ossos lá dentro, os pequenos montes e vales dos nós dos dedos, a mão perdida fundida com a borracha do crânio da boneca. E na própria mão perdida? Tem consciência da sensação densa e embotada da mão sã a tocar na mão perdida. É exatamente o que sente em relação ao Antes: está lá, tem consciência dele, uma leve sensação nos nervos, quase impercetível. Os olhos da boneca fecham com um clique e a abertura nos lábios franzidos está polvilhada de cinzas, como se a própria boneca respirasse aquele ar. Pressia tira uma meia de lã do bolso e tapa a cabeça da boneca. Tapa-a sempre que sai de casa.

Se se demorar, o avô vai começar a contar histórias do que aconteceu aos sobreviventes após as Detonações: lutas sangrentas nas carcaças de Super Marts gigantescos, os sobreviventes queimados e destroçados a lutar por fogões de campismo e facas de pescador.

— Tenho de ir antes que fechem as barracas — diz ela. Antes das patrulhas noturnas. Dirige-se para onde o avô está sentado e dá-lhe um beijo na face áspera.

— Só ao mercado. Nada de ires à procura de sucata. — Depois baixa a cabeça e tosse contra a manga da camisa.

Ela faz todas as tenções de ir à sucata. É o que mais lhe agrada, escolher pedacinhos disto e daquilo para fazer as suas criaturas de corda.

— Não irei — responde.

Ele continua a empunhar o tijolo, mas aquela atitude parece-lhe agora triste e desesperada, uma confissão de fraqueza. Talvez ele conseguisse deixar o primeiro soldado da OSR inconsciente, mas não o segundo ou o terceiro. Os soldados vêm sempre em grupo. Pressia tem vontade de dizer em voz alta o que ambos sabem: não vai resultar. Ela pode esconder-se naquela sala, dormir nos armários. Pode esgueirar-se pelo fundo falso sempre que ouvir um camião da OSR no beco e fugir. Mas há mais para onde ir.

— Não te demores — diz o avô.

— Não demoro. — Depois, para o fazer sentir-se melhor, acrescenta: — Tem razão. Temos sorte. — Mas não é o que realmente sente. Os habitantes da Cúpula têm sorte, a jogar os seus desportos com capacetes afivelados e a comer bolo, todos bem ligados e sem nunca se sentirem como flocos luminosos de cinza rodopiante.

— Não te esqueças disso, minha rapariga. — A ventoinha na garganta dele zumbe. Ele estava a segurar uma pequena ventoinha elétrica portátil aquando das Detonações — acontecera no verão — e agora a ventoinha faz parte dele para sempre. Às vezes tem dificuldade em respirar. O mecanismo giratório fica colado com uma mistura de cuspo e cinza. Vai acabar por o matar, um dia, a cinza a entupir-lhe os pulmões, a ventoinha a engasgar até parar.

Pressia dirige-se para a porta do beco, abre-a. Ouve um guincho que quase parece uma ave; em seguida, uma coisa escura e peluda desliza sobre as pedras próximas. Um dos olhos húmidos da criatura fita-a. A coisa rosna, abre umas asas pesadas e espessas, e impulsiona-se para o céu cinzento.

Às vezes, Pressia julga ouvir o zumbido do motor de uma aeronave lá no alto. Dá por si a examinar o céu, em busca das tiras de papel que o inundaram outrora — oh, como o avô descrevia a cena, uma imensa revoada de asas! Talvez um dia haja outra Mensagem.

*Nada vai durar*, pensa Pressia para consigo. Tudo está prestes a mudar para sempre. Tem a certeza.

Olha para trás, antes de se embrenhar no beco, e dá com o avô a contemplá-la com uma expressão que já lhe viu outras vezes — como se ela já tivesse desaparecido, como se ele estivesse a treinar para o desgosto.

# PARTRIDGE

## MÚMIAS

Partridge está sentado na aula de História Universal de Glassings, tentando concentrar-se. A ventilação da sala está programada para aumentar com base no número de corpos presentes a cada dado momento, e os rapazes da academia — um verdadeiro bando turbulento de máquinas de energia — fazem com que qualquer sala se torne quente e abafada, se não forem mantidos sob apertada vigilância. Felizmente, a mesa de Partridge não fica longe de uma pequena abertura de ventilação no teto, pelo que é como se estivesse sentado numa coluna de ar frio.

Glassings está a falar sobre culturas antigas. Há um mês inteiro que não fala de outra coisa. A parede da frente está coberta com imagens de Bryn Celli Ddu, Newgrange, Dowth e Knowth, a Muralha de Durrington e Maeshowe — tudo túmulos neolíticos que datam de cerca de 3000 a. C. Os primeiros protótipos de cúpulas, como diz Glassings.

— Julgam que fomos os primeiros a inventar uma Cúpula?

*Já percebi*, pensa Partridge, *povos antigos, construções, túmulos, blá, blá, blá*. Glassings está de pé diante da turma, metido no seu jaquetão muito esticado, com o emblema da academia pregado no devido lugar e uma gravata azul-marinho, sempre um pouco apertada de mais. Partridge preferia ouvir a opinião de Glassings acerca da história recente, mas isso nunca seria permitido. Apenas sabem o que foi dito a todos: que os Estados Unidos não foram os primeiros a atacar, mas agiram em legítima defesa. As Detonações entraram em escalada, levando quase à destruição total. Graças às precauções experimentais tomadas pela Cúpula, enquanto protótipo de vida sustentável em

caso de Detonações, ataques biológicos e desastres ambientais, aquela área é provavelmente o único lugar do mundo com sobreviventes: a Cúpula e os desgraçados que vivem nas suas cercanias imediatas e que são agora governados por um frágil regime militar. A Cúpula mantém-se atenta aos desgraçados e, um dia, quando a terra se tiver renovado, regressarão para cuidar deles e recomeçar de novo. A explicação é muito simples, mas Partridge sabe que há muito mais que se lhe diga e tem a certeza de que o próprio Glassings teria muito a dizer sobre o assunto.

Às vezes Glassings entusiasma-se com uma das suas palestras, desabotoa o casaco, afasta-se das suas notas e olha para a turma — fixando cada rapaz nos olhos por um momento, como se quisesse que assimilassem o que ele está a dizer de um modo mais profundo, que pegassem numa qualquer lição de outros tempos e a aplicassem à atualidade. Partridge deseja fazê-lo. Tem a sensação de que seria capaz de o fazer, ou quase, se tivesse um pouco mais de informação.

Levanta o queixo e deixa o ar refrescar-lhe o rosto. De repente, lembra-se da sua mãe a pôr a mesa com uma refeição para ele e para o irmão, copos de leite com bolhas que se agarravam às bordas do vidro, molhos ricos em óleo, o interior arejado e tenro dos pães. Alimentos que enchiam a boca, que libertavam fiapos de fumo. Agora toma pílulas perfeitamente formuladas para uma saúde ótima. Por vezes, Partridge faz rodar as pílulas na boca, recordando que, nesse tempo, até mesmo os comprimidos que ele e o irmão tomavam tinham um sabor agridoce, tinham uma textura de goma e forma de animais. Logo a seguir, a recordação desaparece.

Aquelas recordações rápidas e viscerais são muito nítidas. Ultimamente, abatem-se sobre ele como golpes súbitos, uma colisão incontável entre o presente e passado. Tornou-se ainda pior desde que o seu pai intensificou as suas sessões de codificação: a estranha mistura de drogas que circulam na corrente sanguínea, a radiação e, o pior de tudo, estar preso num molde corporal que apenas deixa o seu cérebro e certas partes do seu corpo expostas em cada sessão. *Moldes de múmia*. É o que alguns dos amigos de Partridge começaram a chamar aos moldes depois de uma das aulas de Glassings acerca de culturas antigas que tinham o costume de envolver os seus mortos em ligaduras. Para as sessões de codificação, os rapazes da academia formam em fila, são levados para o centro médico e conduzidos a quartos privados. Aí, cada um despe-se e enfia-se num molde de múmia — confinado no fato sufocante. Depois veste novamente o seu uniforme e todo

o grupo é levado de novo para a academia. Os técnicos avisam-nos que, à medida que o corpo se habitua ao conjunto de novas aptidões, é natural que sintam vertigens, súbitas perdas de equilíbrio, que passam quando a força e a velocidade assentarem. Os rapazes da academia estão acostumados a isso — a terem de passar alguns meses fora das equipas desportivas por terem ficado temporariamente desajeitados. Tropeçam e caem, esparramados no relvado. O cérebro fica igualmente descoordenado, daí aquelas súbitas recordações estranhas.

— Bela barbárie — está Glassings a dizer acerca de uma das antigas culturas. — Veneração pelos mortos. — É um dos tais momentos em que não está a ler as suas notas. Olha para as mãos abertas sobre o tampo da mesa. Não devia fazer apartes — *bela barbárie* é o tipo de expressão que pode ser mal interpretada. Pode custar-lhe o emprego. Mas ele recompõe-se depressa e manda a turma ler em voz alta, em uníssonos, o texto do ponto. «As formas sancionadas de dispor dos mortos e recolher os seus objetos pessoais nos Arquivos de Perda Pessoal...» Partridge junta-se ao coro.

Poucos minutos depois, Glassings está a falar da importância do milho para as culturas antigas. *Milho?*, pensa Partridge. *A sério? Milho?*

Nesse momento, alguém bate à porta. Glassings levanta os olhos, sobressaltado. Os rapazes ficam tensos. Batem de novo.

— Desculpem — diz Glassings. Endireita as suas notas e lança um olhar rápido ao malévolo olho preto de uma das câmaras empoleiradas nos cantos da sala. Partridge pergunta-se se os funcionários da Cúpula terão ouvido o comentário acerca da «bela barbárie». Pode ser assim tão rápido? Será o fim do professor? Irão arrastá-lo dali, agora mesmo, à frente da turma toda?

Glassings sai para o corredor. Partridge ouve vozes, murmúrios.

Arvin Weed, o génio da turma, que está sentado à frente de Partridge, vira-se para trás e atira-lhe um olhar interrogativo, como se ele pudesse saber o que se passa. Partridge encolhe os ombros. As pessoas julgam muitas vezes que ele sabe mais do que os outros. Afinal, é filho de Ellery Willux. Mesmo alguém que ocupa um cargo tão alto deve deixar escapar alguma coisa de vez em quando, presumem. Mas não. O pai de Partridge nunca deixa escapar nada. É precisamente essa uma das razões pelas quais chegou onde chegou. E desde que Partridge ficou interno na academia, ele e o pai raramente falam sequer ao telefone, e ainda mais raramente se veem. Partridge é um dos rapazes que permanece todo o ano no internato, tal como o seu irmão, Sedge, que passou pela academia antes dele.

Glassings volta para a sala de aula.

— Partridge — diz ele —, pega nas tuas coisas.

— O quê? — pergunta Partridge. — Eu?

— Já — diz Glassings.

Partridge sente o estômago contrair-se. Enfia o caderno na mochila e levanta-se. Em seu redor, os outros rapazes começam a sussurrar. Vic Wellingsly, Algrin Firth, os gémeos Elmsford. Um deles faz uma piada — Partridge ouve o seu nome, mas não consegue distinguir o resto — e todos riem. Aqueles rapazes tendem a unir-se; «o rebanho», é o que lhes chamam. São os que vão completar o treino e conseguir uma posição no novo corpo de elite, as Forças Especiais. Estão destinados. Não que esteja escrito algures, mas é algo tacitamente entendido.

Glassings manda a turma calar-se.

Arvin Weed dirige um aceno de cabeça a Partridge, como se dissesse *Boa sorte*.

Partridge encaminha-se para a porta.

— Posso vir buscar os apontamentos mais tarde? — pergunta a Glassings.

— Com certeza — responde o professor, depois dá uma palmada nas costas do rapaz. — Não há problema. — Está a falar dos apontamentos, claro, a dizer que ele não terá problema em manter-se a par dos colegas, mas olha para Partridge daquela maneira que dá um significado mais profundo às suas palavras, e Partridge percebe que está a tentar tranquilizá-lo. O que quer que aí venha — *não há problema*.

No corredor, Partridge é esperado por dois guardas.

— Para onde? — pergunta-lhes.

Ambos os guardas são altos e musculados, mas um deles é um pouco mais largo do que o outro. É esse que responde:

— O teu pai quer falar contigo.

Partridge sente frio de repente. Tem as palmas das mãos húmidas de suor, pelo que as esfrega uma na outra. Não quer falar com o pai; nunca quer.

— O velho? — comenta, tentando assumir um tom ligeiro.

— Um tempinho entre pai e filho?

Os guardas conduzem-no ao longo dos corredores reluzentes, passando pelos retratos a óleo de dois diretores — um que foi despedido, outro novo —, que têm um aspeto macilento, austero e, de algum modo, morto. Seguem depois para a cave da academia, onde passa a linha do monocarril. Esperam em silêncio, no subsolo espaçoso. É o mesmo monocarril que leva os rapazes para o centro médico, onde

o pai de Partridge trabalha três vezes por semana. No centro médico há pisos reservados para os que estão doentes. Estes são mantidos em isolamento. Na Cúpula, leva-se a doença muito a sério. Um contágio podia exterminá-los a todos, pelo que a menor febre pode resultar numa quarentena de curto prazo. Partridge já esteve num desses pisos algumas vezes: um quarto esterilizado, pequeno e aborrecido.

Os moribundos? Ninguém os visita. São levados para um piso próprio.

Partridge pergunta-se o que o pai quererá dele. Não pertence ao rebanho, não está destinado a integrar a elite. Isso era o papel de Sedge. Quando fora admitido na academia, não tinha a certeza se era mais conhecido devido ao seu pai ou ao seu irmão. Mas não tinha importância. Não estava à altura da reputação de qualquer deles. Nunca tinha vencido um desafio físico e ficava sentado no banco durante a maior parte dos jogos, qualquer que fosse a modalidade. E não era inteligente o suficiente para entrar no outro programa de formação: aperfeiçoamento do cérebro. Isso era reservado aos mais espertos, como Arvin Weed, Heath Winston, Gar Dreslin. As suas notas andavam sempre no limite. Como a maioria dos rapazes que seguiam para a codificação, era claramente mediano, bom apenas para o aperfeiçoamento geral básico destinado a melhorar a espécie.

O pai queria apenas ver como estava o seu filho mediano? Talvez tivesse sido acometido por um súbito desejo de estabelecer laços? Teriam sequer assunto para falar um com o outro? Partridge tenta lembrar-se da última vez que tinham feito algo juntos para se divertirem. Uma vez, depois da morte de Sedge, o pai tinha-o levado a nadar na piscina coberta da academia. Ele apenas se lembra de que o pai era um excelente nadador, que deslizava na água como uma lontra marinha e que, quando o velho viera à superfície para respirar, Partridge, que estava a secar-se com a toalha, vira o seu peito nu pela primeira vez desde que se lembrava. Tê-lo-ia alguma vez visto seminu antes? O peito do pai ostentava seis pequenas cicatrizes, no lado esquerdo, sobre o coração. Não tinham sido provocadas por um acidente: eram demasiado simétricas e direitas para isso.

O monocarril detém-se e Partridge tem um desejo efêmero de fugir. Os guardas atingi-lo-iam com uma descarga elétrica nas costas. Ele tem consciência disso. Ficaria com uma queimadura vermelha nas costas e nos braços. O pai teria de ser informado, claro. Só serviria para piorar a situação. Além disso, fugir para quê? Para onde iria? Ficaria a andar em círculos? Afinal, estava numa Cúpula.

O monocarril deixa-os à entrada do centro médico. Os guardas mostram os respetivos distintivos. Registam Partridge, digitalizam-lhe as retinas e passam pelos detetores, penetrando no centro propriamente dito. Serpenteiam por vários corredores até chegarem à porta do seu pai. Esta abre-se antes que os guardas tenham tempo para bater.

Uma técnica perfila-se diante deles. Sobre o ombro dela, Partridge vê o pai, ocupado a dar uma palestra a meia dúzia de outros técnicos. Estão todos a olhar para uma barreira de ecrãs embutidos na parede, apontando cadeias de codificação de ADN, ampliações de uma hélice dupla.

A técnica diz «obrigada» aos guardas, depois conduz Partridge para uma pequena cadeira de pele, ao lado da enorme secretária do pai, que se encontra do lado oposto àquele onde o pai e os técnicos estão a trabalhar.

O seu pai está a dizer:

— Ali está. A falha na codificação de comportamento. Resistência. — Os técnicos parecem coelhos de olhos arregalados, aterrorizados diante de Ellery Willux, que continua a não prestar atenção a Partridge. Isso não é nada de novo. Partridge está habituado a que o pai não lhe ligue.

Olha em redor para o gabinete, repara num conjunto de plantas do projeto original da Cúpula, agora emolduradas e penduradas na parede sobre a secretária do seu pai.

Porque estará ali, pergunta-se mais uma vez. O pai estará a exhibir-se, a tentar provar-lhe alguma coisa? Não é que Partridge não saiba que o seu pai é inteligente, uma pessoa que impõe respeito, até mesmo medo.

— Todos os outros tipos de codificação correram muito bem. Porque não acontece o mesmo com a codificação de comportamento? — diz o pai aos técnicos. — Alguém quer falar? Respostas?

Partridge tamborila com os dedos nos braços da cadeira, olhando para os tufos de cabelo grisalho do pai. Ele parece zangado. De facto, a sua cabeça dá a impressão de estremecer de raiva. Já tinha visto aquele tipo de fúria a irromper no pai desde o funeral do seu irmão. Sedge morrera depois de completar a codificação e de ter sido admitido nas Forças Especiais, o novo corpo de elite composto apenas por seis recém-graduados da academia. «Uma tragédia», diz o seu pai, como se dar um nome à coisa a tornasse de algum modo aceitável.

Os técnicos olham uns para os outros e dizem:

— Não, senhor. Ainda não, senhor.

O pai crava um olhar carrancudo no ecrã, com a testa franzida e o nariz carnudo avermelhado, depois olha para Partridge como se tivesse acabado de o ver. Manda os técnicos embora com um aceno. Eles saem à pressa, estugando o passo pela porta fora. Partridge pergunta-se se eles terão uma imensa sensação de alívio sempre que saem da presença do seu pai, como acontece com ele. Odiarão secretamente o velho? Partridge não os censuraria.

— Então — começa, brincando com uma das correias da mochila. — Como vai isso?

— Tenho a certeza de que queres saber por que te chamei.

Partridge encolhe os ombros.

— Para me dar os parabéns atrasados? — O seu décimo sétimo aniversário foi há quase dez meses.

— Os parabéns? — ecoa o pai. — Não recebeste o presente que te mandei?

— O que era? — pergunta Partridge, batendo no queixo com as pontas dos dedos. Lembra-se perfeitamente. O presente fora uma caneta muito dispendiosa, com uma pequena lâmpada no topo. «*Para poderes estudar até mais tarde*», escrevera o pai num bilhete que acompanhava o presente, «*e ganhar vantagem sobre os teus colegas.*» O pai lembrar-se-ia do presente? Provavelmente não. O bilhete teria sido sequer escrito pelo seu próprio punho? Partridge não conhece a letra do seu pai. Quando era criança, a sua mãe costumava escrever enigmas para os ajudar a encontrar os esconderijos onde ela ocultara os presentes. Contara-lhe que se tratava de uma tradição iniciada pelo pai quando tinham começado a namorar: pequenos enigmas rimados e presentes. Partridge lembra-se disso porque fora então que se apercebera de que os pais tinham estado apaixonados noutros tempos, mas que já não o estavam. Não se recorda de o pai estar sequer presente nos seus aniversários.

— Não te mandei chamar para nada que tenha a ver com os teus anos — diz o pai.

— Então suponho que será um interesse paternal na minha escolaridade. Vai-me perguntar: *Estás a aprender alguma coisa importante?*

O pai suspira. Mais alguém falaria assim com ele? Provavelmente não.

— *Estás a aprender alguma coisa importante?* — pergunta.

— Nós não fomos os primeiros a inventar Cúpulas, suponho eu. Já existem desde a pré-história: Newgrange, Knowth, Maeshowe, et cetera.

O pai recosta-se na cadeira. A pele do assento range.

— Lembro-me da primeira vez que vi uma fotografia de Mae-showe. Era um miúdo de catorze anos, ou coisa assim. Vi-a num livro sobre sítios pré-históricos. — Para de falar e leva a mão à têmpora, que esfrega num pequeno círculo. — Era uma maneira de viver para sempre, construir algo duradouro. Um legado. Isso ficou-me na cabeça.

— Eu julgava que ter filhos era o legado de um homem.

O pai olha para Partridge bruscamente.

— Sim, tens razão. E isso é uma das razões por que te mandei chamar. Há alguma resistência a certos aspetos da tua codificação.

Os moldes de múmia. Alguma coisa está errada.

— Que aspetos da minha codificação?

— A mente e o corpo de Sedge ajustaram-se à codificação sem qualquer dificuldade — diz o pai. — E tu és muito próximo dele do ponto de vista genético, mas...

— Que aspetos? — insiste Partridge.

— Curiosamente, na codificação de comportamento. Força, velocidade, agilidade, todos os aspetos físicos estão a correr bem. Sentes os efeitos? Mentais e/ou físicos? Falta de equilíbrio? Pensamentos ou recordações invulgares?

As recordações, sim, anda a pensar mais na mãe, mas não quer confessar isso ao pai.

— Senti muito frio — replica —, mais ou menos na mesma altura em que soube que me tinha mandado chamar. Todo o meu corpo ficou gelado.

— Interessante — observa o pai e, por uma fração de segundo, talvez se sinta ferido pelo comentário de Partridge.

Este aponta para uma moldura suspensa da parede.

— As plantas originais? É novidade.

— Vinte anos de serviço — responde o pai. — Um presente.

— Muito simpático — diz Partridge. — Gosto do seu trabalho arquitetónico.

— Foi o que nos salvou.

— A nós? — murmura Partridge muito baixo. Já só restam eles, uma família reduzida a um par em guerra.

Então, como se uma coisa levasse naturalmente à outra, o pai começa a fazer-lhe perguntas acerca do comportamento da mãe antes das Detonações, ao longo das semanas que antecederam a morte dela, sobretudo acerca de uma certa ida à praia que ela e Partridge tinham feito sozinhos, só os dois.

— A tua mãe fez-te engolir comprimidos? — pergunta o pai.

É muito provável que haja pessoas do outro lado do ecrã de computador montado na parede. Há nele algo do olhar vazio de um espelho de observação. Ou talvez não. Talvez o seu pai também os tenha mandado embora. Mas estão a ser filmados. Têm de estar. Em cada canto da sala há o olho malévolo de uma câmara.

— Não me lembro. Ainda era uma criança. — Mas Partridge lembra-se de comprimidos azuis. Alegadamente, destinavam-se a tratar a gripe, mas, ao que parecia, tornavam-na ainda pior. A febre fazia-o tremer debaixo dos cobertores.

— Ela levou-te à praia. Lembras-te disso, certo? Imediatamente antes. O teu irmão não quis ir. A equipa dele tinha um jogo. Estavam a disputar o campeonato.

— O Sedge adorava basebol. Adorava uma quantidade de coisas.

— Não estamos a falar do teu irmão. — O pai mal consegue pronunciar o nome de Sedge. Desde a morte dele, Partridge contou as vezes que ouviu o pai dizê-lo: apenas um punhado. A mãe tinha morrido a tentar ajudar sobreviventes a chegar à Cúpula no dia das Detonações, e o pai a princípio dizia que ela era uma santa, uma mártir, depois, a pouco e pouco, deixara quase completamente de falar dela. Partridge lembra-se de ouvir o pai dizer: «Eles não a mereciam. Arrastaram-na para o fundo com eles.» Houve um tempo em que o pai se referia aos sobreviventes como «nossos irmãos e irmãs menores». Costumava falar dos dirigentes da Cúpula, incluindo de si próprio, como «supervisores benevolentes». Aquele tipo de linguagem ainda aparece de tempos a tempos em discursos públicos, mas nas conversas do dia a dia os sobreviventes no exterior da Cúpula são referidos como «desgraçados». Partridge ouviu o pai empregar esse termo muitas vezes. E é obrigado a reconhecer que passou uma boa parte da sua vida a odiar os desgraçados por terem arrastado a sua mãe com eles. Mas, ultimamente, nas aulas de História Universal de Glassings, não consegue evitar perguntar-se o que terá realmente acontecido. Glassings insinua que a história é maleável. Pode ser alterada. Porquê? Para contar uma versão mais agradável.

O pai insiste:

— Estamos a falar de a tua mãe te ter dado comprimidos, te ter feito engolir alguma coisa, durante as tuas ausências.

— Não me lembro. Tinha oito anos de idade. Jesus! Que quer de mim? — Mas, ao mesmo tempo que diz aquilo, recorda o escaldão

que ambos apanharam, embora o tempo estivesse nublado, e como, quando estavam doentes, a mãe lhes contava uma história para adormecerem, acerca de uma mulher-cisne com pés pretos. A sua mãe, ele evoca muitas vezes a imagem dela: o cabelo encaracolado, as mãos macias, de ossos tão finos como os de um pássaro. A mulher-cisne era protagonista também de uma pequena canção. Tinha uma melodia, palavras que rimavam e uma coreografia com as mãos. A mãe dizia: «Quando te conto a versão cantada da história, segura esse colar na mão.» Ele apertava o colar com força no punho. As arestas das asas abertas do cisne eram aguçadas, mas ele não o largava.

Uma vez, tinha contado a história a Sedge. Fora na Cúpula, um dia em que Partridge sentia uma saudade particularmente intensa da mãe. Sedge dissera que era uma história para raparigas. Para crianças que acreditavam em fadas. «Cresce, Partridge. Ela morreu. Não vês isso? Estás cego?»

O pai pressiona-o:

— Vamos ter que te fazer mais testes. Baterias de testes. Vais ser picado com tantas agulhas que vais sentir-te como uma alfineteira. — *Alfineteira...* é uma das tais palavras que já não significam nada. Uma almofada para alfinetes? Será algum tipo de ameaça? Assim parece. — Ajudaria se pudesses dizer-nos o que aconteceu.

— Não posso. Gostava muito, mas não me lembro.

— Ouve-me, filho. — Partridge não gosta da maneira como o pai diz a palavra *filho*, como se fosse uma repreensão. — Tens de pôr a tua cabeça no lugar. A tua mãe ... — Os olhos do pai estão cansados. Os seus lábios estão secos. Parece estar a falar com outra pessoa. Com a mesma voz que usa ao telefone. *Estou, fala Willux.* Cruza os braços sobre o peito, o seu rosto fica flácido por um momento, como se recordasse alguma coisa. Lá está outra vez o tremor na cabeça. Até a sua mão parece tremer de raiva. Por fim, diz: — A tua mãe sempre tem sido problemática.

Trocam um olhar. Partridge não diz uma palavra, mas vai repentinamente mentalmente. Sempre tem sido. Problemática. Sempre tem sido. Aquilo não é o pretérito, não é assim que se fala sobre os mortos.

O pai recompõe-se:

— Ela não regulava bem da cabeça. — Esfrega as mãos nas coxas e inclina-se para o filho. — Perturbei-te.

Aquilo também é estranho. Ele nunca fala de emoções.

— Estou bem.

O pai levanta-se.

— Vamos chamar alguém para nos tirar uma fotografia. Quando foi a última vez? — Provavelmente no funeral de Sedge, pensa Partridge. — Algo para pores no teu dormitório, para não teres saudades de casa.

— Não tenho saudades — replica Partridge. Nunca se sentiu em casa, ali na Cúpula, portanto como pode ter saudades a ponto de adoecer?

Mas o pai chama na mesma uma técnica, uma mulher de nariz abatado e franja, e diz-lhe que vá buscar uma máquina fotográfica.

Partridge e o pai posam diante das plantas recentemente emolduradas, ombro a ombro, hirtos como soldados. Há um *flash*.